

PRECONCEITO DE RAÇA COMO SENTIDO DE POSIÇÃO DE GRUPO¹

Herbert Blumer

Universidade da Califórnia, Berkeley

Tradução de Benno Victor Warken Alves^a e Paulo de Tarso Medeiros Valério^a

Neste artigo, proponho uma abordagem do estudo do preconceito de raça diferente daquela que domina o pensamento acadêmico contemporâneo sobre o tema. Minha tese é de que o preconceito de raça existe, basicamente, em um sentido de posição de grupo, mais propriamente que em um conjunto de sentimentos que membros de um grupo racial possuem em relação aos membros de outro grupo racial. Essa maneira diferente de ver o preconceito de raça desloca o estudo e a análise de uma preocupação com os sentimentos que habitam os indivíduos para uma preocupação com a relação entre os grupos raciais. Também afasta o interesse acadêmico das sucessões de experiências individuais e focaliza no processo coletivo pelo qual um grupo racial define e redefine outro grupo racial. Acredito que tais deslocamentos proporcionarão uma compreensão mais realista e acurada do preconceito de raça.

Há poucas dúvidas de que a relativamente vasta literatura sobre o preconceito de raça é dominada pela ideia de que ele existe fundamentalmente como um conjunto de sentimentos que habitam o indivíduo. Esse preconceito geralmente é retratado como se consistisse em sentimentos tais como antipatia, hostilidade, ódio, intolerância e agressividade. Em decorrência, a tarefa da pesquisa científica se torna dupla. De um lado, há a necessidade de identificar os sentimentos que compõem o preconceito de raça – para ver como eles se encaixam entre si e como se apoiam em outros elementos psicológicos, como as crenças míticas. De outro, é necessário mostrar como surgiu o complexo de sentimentos. Assim, alguns acadêmicos remetem os sentimentos complexos, sobretudo, a disposições inatas; outros os remetem à constituição da personalidade, tal como a personalidade autoritária; e outros, ainda, concebem os sentimentos do preconceito como sendo

1 Do original: Blumer, Herbert. Race prejudice as a sense of group position. *The Pacific Sociological Review*, v. 1, n. 1, p. 4-7, Spring 1958.

a Alunos do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de São Paulo.

formados por intermédio da experiência social. Por mais variadas que possam ser as posições conflitantes sobre a composição do preconceito racial e a maneira como ele pode vir a existir, elas se assemelham por localizar o preconceito no domínio do sentimento individual. Isso é claramente verdadeiro sobre o trabalho de psicólogos, psiquiatras e psicólogos sociais e tende a ser predominantemente o caso no trabalho dos sociólogos.

Infelizmente, essa maneira usual de ver o preconceito de raça ignora e obscurece o fato de que o preconceito de raça é fundamentalmente uma questão de relação entre grupos raciais. Uma pequena reflexão deve tornar isso claro. O preconceito de raça pressupõe, necessariamente, que os indivíduos preconceituosos se considerem pertencentes a certo grupo racial. Isso significa, também, que eles atribuem a outros grupos raciais aqueles indivíduos contra os quais eles são preconceituosos. Então, logicamente e realmente, um esquema de identificação racial é necessário como enquadramento para o preconceito racial. Além do mais, essa identificação envolve a formação de uma imagem ou concepção do próprio grupo racial e de outro grupo racial, inevitavelmente, em termos da relação entre tais grupos. Não conseguir ver que o preconceito racial é uma questão (a) da identificação racial de si mesmo e dos outros e (b) da maneira como os grupos identificados são concebidos em relação um ao outro é negligenciar o que é logicamente e realmente básico. Deve-se ter claro que as pessoas, necessariamente, acabam identificando a si mesmas como pertencentes a um grupo racial; essa identificação não é espontânea ou inevitável, mas resulta da experiência. Além disso, deve-se entender que o tipo de figura que um grupo racial forma de si mesmo e o tipo de figura que ele vem a formar dos outros são igualmente produtos da experiência. Logo, tais figuras são variáveis, exatamente como também são variáveis as linhas de experiência que as produzem.

A soma de sentimentos que os acadêmicos, hoje, tendem a considerar a substância do preconceito de raça é, na verdade, uma resultante da maneira como determinados grupos raciais concebem a si mesmos e os outros. Uma compreensão básica do preconceito de raça deve ser buscada no processo pelo qual os grupos raciais formam imagens de si mesmos e dos outros. Esse processo, como espero mostrar, é fundamentalmente um *processo coletivo*. Ele opera, sobretudo, por intermédio dos meios de comunicação, quando indivíduos aceitos como porta-vozes de um grupo racial caracterizam publicamente outro grupo racial. Caracterizar outro grupo racial é, por oposição, definir o próprio grupo. Isso equivale a colocar os dois grupos em relação um ao outro ou definir suas posições *vis-à-vis* o outro. É o *sentido de posição social* emergente desse processo coletivo de caracterização

que fornece a base do preconceito de raça. A discussão a seguir considerará aspectos importantes dessa questão.

Gostaria de começar discutindo vários dos sentimentos importantes que entram no preconceito de raça. Essa discussão revelará quão fundamentalmente os sentimentos raciais apontam para um arranjo posicional dos grupos raciais e dependem dele. Nessa discussão, limitar-me-ei a tais sentimentos no caso de um grupo racial dominante.

Há quatro tipos básicos de sentimento que parecem estar sempre presentes no preconceito de raça do grupo dominante. São eles: (1) um sentimento de superioridade, (2) um sentimento de que a raça subordinada é intrinsecamente diferente e estranha, (3) um sentimento de direito de propriedade sobre certas áreas de privilégio e vantagem e (4) medo e suspeita de que a raça subordinada abrigue e alimente pretensões sobre as prerrogativas da raça dominante. Bastarão algumas palavras sobre cada um desses quatro sentimentos.

No preconceito de raça, o grupo racial dominante se sente seguro de que é naturalmente superior ou melhor. Isso aparece, comumente, como vilipêndio das qualidades do grupo racial subordinado. Características condenatórias ou de rebaiamento, tais como preguiça, desonestidade, ganância, incompetência, estupidez, falsidade e imoralidade, são-lhe usualmente imputadas. O segundo sentimento, de que a raça subordinada é um grupo estranho e fundamentalmente diferente, está também sempre presente. “Eles não são como nós” é uma forma comum de como isso pode ser expresso. É esse sentimento que reflete, justifica e promove a exclusão social do grupo racial subordinado. A combinação desses dois sentimentos de superioridade e de distinção pode, facilmente, fazer emergir sentimentos de aversão e até mesmo de antipatia. Mas por si mesmos eles não formam o preconceito. Devemos introduzir o terceiro e o quarto tipos de sentimentos.

O terceiro sentimento, o sentido de direito de propriedade, é de importância crucial. É o sentimento que possui o grupo dominante de que a ele se reservam direitos exclusivos ou por antiguidade, em vários setores importantes da vida. O escopo dessas reivindicações de exclusividade ou antiguidade pode ser amplo, cobrindo a prioridade sobre a posse de propriedades, como terras e locais escolhidos; o direito a certos empregos, ocupações ou profissões; a reivindicação de certos setores econômicos ou tipos de negócios; a reivindicação de certas posições de controle e tomada de decisões, como no governo e no Judiciário; o direito de associação exclusiva em determinadas instituições, como escolas, igrejas e clubes recreativos; a reivindicação de certas posições de prestígio social e da exibição dos símbolos e apetrechos dessas posições; e a reivindicação de certos rincões de

intimidade e privacidade. A sensação de possuir esses direitos é excepcionalmente forte no preconceito de raça. Outra vez, no entanto, esse sentimento, mesmo combinado com o sentimento de superioridade e o de distinção, não explica o preconceito de raça. Esses três sentimentos estão presentes, frequentemente, em sociedades que não mostram preconceito, assim como em certas formas de feudalismo, em relações de castas, em sociedades de chefes e seguidores e sob muitas relações estabelecidas entre conquistadores e conquistados. Onde as pretensões estão solidificadas em uma estrutura que é aceita ou respeitada por todos, parece não haver preconceito de grupo.

O último sentimento essencial para o preconceito de raça é o medo ou receio de que o grupo racial subordinado esteja ameaçando ou venha a ameaçar a posição do grupo dominante. Assim, atos que são interpretados como um ataque à superioridade natural do grupo dominante ou como intrusão em sua esfera de exclusividade grupal ou, ainda, como invasão de seu domínio de propriedade prioritária – e não apenas atos reais assim interpretados, mas também a suspeita sobre tais atos – são cruciais para o despertar e para a forma concreta do preconceito de raça. Esses atos significam “sair do seu lugar”.

Deve estar claro que esses quatro sentimentos básicos do preconceito de raça se referem, sem sombra de dúvida, ao arranjo posicional dos grupos raciais. O sentimento de superioridade coloca as pessoas subordinadas *abaixo*; o sentimento de estranheza as coloca *além*; o sentimento de direito de propriedade as exclui das prerrogativas de posição; e o medo de invasão é uma repercussão emocional da ameaça à posição de grupo. Como esses elementos sugerem, a relação posicional dos dois grupos raciais é crucial no preconceito de raça. O grupo dominante não está preocupado com o grupo dominado enquanto tal, mas está profundamente preocupado com sua posição *vis-à-vis* o grupo subordinado. Isso é verbalizado na expressão-chave e universal de que não há problemas com determinada raça desde que ela esteja “no seu lugar”. O sentido de posição de grupo é o fulcro da relação do grupo dominante com o subordinado. Ele fornece ao grupo dominante o enquadramento de sua percepção, sua medida de julgamento, seus padrões de sensibilidade e suas inclinações emocionais.

É importante reconhecer que esse sentido de posição de grupo transcende os sentimentos dos membros individuais do grupo dominante, oferecendo-lhes uma orientação comum, que, do contrário, não poderia ser encontrada em diferentes sentimentos e visões. É de se imaginar que haja diferenças consideráveis entre as maneiras como os membros individuais do grupo dominante pensam e se sentem em relação ao grupo subordinado. Alguns podem se sentir amargurados e hostis,

com fortes antipatias, com um sentido exaltado de superioridade e muito ódio; outros podem se sentir dispostos à caridade e à proteção, com um sentido de piedade e tons de benevolência; outros podem ser condescendentes e desdenhar com polidez; e outros podem, ainda, dispor-se à gentileza e estimar, sem sinal de truculência. Esses são apenas alguns dos muitos padrões diferentes de sentimentos que podem ser encontrados entre os membros do grupo racial dominante. O que lhes dá uma dimensão comum é um sentido da posição social do grupo. Sejam seus membros compassivos ou indiferentes, cultos ou iletrados, liberais ou reacionários, poderosos ou impotentes, arrogantes ou humildes, ricos ou pobres, honrados ou desonrados, todos são levados, por compartilharem o sentido de posição de grupo, a posicionamentos individuais similares.

O sentido de posição de grupo é um tipo geral de orientação. É um sentimento geral irreduzível a sentimentos específicos como ódio, hostilidade ou antipatia. É também um entendimento geral que não se compõe de qualquer conjunto de crenças específicas. Sociopsicologicamente, não pode ser igualado a um sentido de *status* social da forma como esse é ordinariamente concebido, porque o sentido de posição de grupo se refere não apenas ao posicionamento vertical, mas a várias outras linhas de posição independentes da dimensão vertical. Sociologicamente, não é mero reflexo das relações objetivas entre os grupos raciais. Ele representa mais “o que deveria ser” do que “o que é”. É um sentido de a que lugar os dois grupos raciais *pertencem*.

À sua própria maneira, o sentido de posição de grupo é norma e imperativo – e um imperativo muito forte, de fato. Ele guia, incita, intimida e constrange. É preciso ter em mente que esse sentido de posição de grupo indica e envolve um tipo fundamental de afiliação grupal para os membros do grupo racial dominante. Na medida em que se reconhecem ou se sentem como pertencentes ao grupo, eles cairão automaticamente sob a influência do sentido de posição de grupo que lhe corresponde. Assim, mesmo que determinados membros individuais possam ter visões e sentimentos pessoais diferentes do sentido de posição de grupo, eles terão que lidar com a evocação do sentido de posição de grupo de seu grupo racial. Se o sentido de posição é forte, agir contrariamente a ele é arriscar sentir-se autoalienado e encarar a possibilidade de ostracismo. Defendo, portanto, que o *locus* do preconceito de raça não está no domínio do sentimento individual, mas na definição das posições respectivas dos grupos raciais.

A fonte do preconceito de raça reside na sensação de ameaça a esse sentido de posição de grupo. É necessário reconhecer que a ameaça pode vir de várias formas diferentes. Pode ter a forma de uma afronta aos sentimentos de superio-

ridade grupal; de incômodas pretensões de familiaridade ou transgressão dos limites da exclusividade grupal; de intrusão em incontáveis setores cobertos por um sentimento de direito de propriedade; pode ser um desafio ao poder e ao privilégio; e pode assumir a forma de competição econômica. O preconceito de raça é uma reação defensiva a tais ameaças ao sentido de posição de grupo. Consiste em sentimentos conturbados, comumente marcados por hostilidade, que emergem por essa via. Em si, o preconceito de raça é um dispositivo de proteção. Ele funciona, ainda que de maneira impensada, para preservar a integridade e a posição do grupo dominante.

É de importância crucial reconhecer que o sentido de posição de grupo não é mera soma dos sentimentos de posição, tal como poderiam ser desenvolvidos por indivíduos separados ao se compararem com determinados indivíduos da raça subordinada. O sentido de posição de grupo se refere às posições relativas de grupo para grupo, e não àquelas de indivíduo para indivíduo. Logo, *vis-à-vis* o grupo racial subordinado, o indivíduo sem instrução e de baixo *status* do grupo racial dominante tem um sentido de posição de grupo comum àquele da elite de seu grupo. Por compartilhar esse sentido de posição, tal indivíduo, não obstante seu baixo *status*, sente que os membros do grupo subordinado, por mais distintos e capazes que sejam, são de alguma maneira inferiores, estranhos, e que as restrições impostas às suas pretensões são apropriadas. Ele forma sua concepção como um representante do grupo dominante; ele trata membros individuais do grupo subordinado como representantes daquele grupo.

Uma análise de como se forma o sentido de posição de grupo deveria começar com o reconhecimento claro de que ele é um produto histórico. Ele se estabelece, originalmente, pelas condições iniciais de contato. Prestígio, poder, números, domínio de aptidões, autoconcepções originais, metas, intenções e oportunidades são alguns dos fatores que podem configurar o sentido original de posição de grupo. A experiência subsequente na relação dos dois grupos raciais, especialmente no domínio das pretensões, oportunidades e vantagens, pode modelar o sentido de posição de grupo em diversas formas. Ademais, o sentido de posição de grupo pode intensificar-se ou enfraquecer-se, tornar-se refinado ou borrar-se. Pode entrincheirar-se profundamente e resistir com tenacidade à mudança por longos períodos ou pode nunca se enraizar. Pode sofrer rápido crescimento e expansão vigorosa ou desgastar-se em lenta erosão. Pode ser rijo ou maleável, incisivo ou lasso, contínuo ou intermitente. Em suma, visto comparativamente, o sentido de posição de grupo é muito variável.

Por mais variável que seja em suas vicissitudes, o sentido de posição de grupo é claramente formado por um processo corrente no qual o grupo racial dominante é levado a definir e redefinir o grupo racial subordinado e as relações entre eles. Há dois aspectos importantes desse processo de definição que quero considerar separadamente.

Primeiro, o processo de definição ocorre, obviamente, mediante interações e comunicações complexas entre os membros do grupo dominante. Líderes, pessoas de prestígio, autoridades, ativistas, indivíduos dominantes e simples “leigos” apresentam, uns aos outros, caracterizações do grupo subordinado e expressam seus sentimentos e ideias sobre as relações com eles. Por meio de conversas, narrativas, histórias, fofocas, anedotas, mensagens, pronunciamentos, comentários, orações, sermões, pregações e afins, apresentam-se definições e expressam-se sentimentos. Nessa interação geralmente vasta e complexa, visões distintas competem umas com as outras, influenciam-se, modificam-se, incitam-se e se fundem em novas formas. Correspondentemente, os sentimentos, ao serem expressos, encontram-se, estimulam-se, alimentam-se um do outro, intensificam-se e emergem em novos padrões. Formas de ver e sentir ganham existência, alçando posições dominantes e servindo como pontos de referência para a organização do pensamento e do sentimento. Se a interação se torna crescentemente circular e se reforça, livre de séria oposição interna, essas correntes crescem, fundem-se e se fortalecem. É por meio de um processo como esse que se forma uma imagem coletiva do grupo subordinado e se estabelece um sentido de posição de grupo. A evidência de tal processo é flagrante quando se revisa a história de qualquer arranjo racial marcado por preconceito.

Um processo assim complexo de interação mútua, com suas diferentes linhas e seus graus de formação, alicerça os muitos esquemas que podem abrigar a causa do preconceito de raça em suas feições individuais – seja nas formas de disposição inata, disposição constituída, estrutura de personalidade ou experiência pessoal direta com membros da outra raça. A imagem e os sentimentos coletivos do preconceito de raça são forjados por um complicado processo social no qual o indivíduo é ele mesmo modelado e organizado. O esquema, tão popular hoje em dia, que deriva o preconceito de raça de uma dita personalidade autoritária, mostra uma lamentável incompreensão dos aspectos básicos do processo coletivo que suscita um sentido de posição de grupo.

O segundo aspecto importante do processo de definição de grupo é que ele lida, necessariamente, com uma *imagem abstrata* do grupo racial subordinado, o qual é definido como se ele fosse uma entidade ou um todo. Essa entidade ou

todo – como a raça negra, os japoneses ou os judeus – é, necessariamente, uma abstração, nunca se relacionando com qualquer sensação empírica. Enquanto os encontros reais são com indivíduos, a figura que se forma do grupo racial é necessariamente de uma entidade vasta que se espalha para muito além deles e transcende a experiência com eles. As implicações do fato de que a imagem coletiva é imagem de um grupo abstrato têm significação crucial. Eu gostaria de destacar quatro dessas implicações.

Primeiro, a construção da imagem do grupo abstrato ocorre no âmbito do remoto, e não do próximo. Não é a experiência com indivíduos concretos nas associações diárias que dá corpo às definições do grupo extenso, abstrato. Essa experiência imediata é geralmente regulada e ordenada. Mas, até mesmo quando ela sofre rupturas, as novas definições que se formam se limitam aos indivíduos envolvidos. A imagem coletiva do grupo abstrato cresce não pela generalização de experiências vividas em contatos próximos, de primeira mão, mas por meio de caracterizações transcendentais que são feitas do grupo como uma entidade. Por isso, deve-se buscar a corrente central de definição^{2*} naquelas áreas em que o grupo dominante como tal caracteriza o grupo subordinado como tal. Isso ocorre na “arena pública”, onde os porta-vozes aparecem como representantes e agentes do grupo dominante. A arena pública estendida é constituída por coisas como assembleias legislativas, reuniões públicas, convenções, a imprensa e a palavra escrita. O que acontece nessa arena pública atrai a atenção de muitos membros do grupo dominante e é sentido como a voz e a ação do grupo como tal.

Segundo, as definições forjadas na arena pública centram, obviamente, em assuntos que são sentidos como da maior importância. Assim, somos levados a reconhecer o papel crucial do “grande evento” no desenvolvimento de uma concepção do grupo subordinado. O acontecimento que parece importantíssimo, que toca sentimentos profundos, que parece levantar questões fundamentais sobre as relações e que desperta fortes sentimentos de identificação com seu grupo racial é o tipo de evento que é central na formação da imagem racial. Aqui, novamente, assinalamos a pouca importância relativa da enorme quantidade de experiências advindas do contato diário com indivíduos do grupo subordinado. São os eventos aparentemente carregados de grande significação coletiva os pontos focais da discussão pública. A definição desses eventos é a grande responsável pelo desenvolvimento de uma imagem racial e do sentido de posição de grupo. Quando a discussão pública toma a forma de uma denúncia do grupo racial subordinado,

2 * No original: *central stream of definition*.

proclamando-o inconveniente e ameaçador, a discussão se torna particularmente potente para modelar o sentido de posição social.

Terceiro, exercem maior influência na discussão pública indivíduos e grupos que têm os ouvidos do público e que são percebidos como detentores de reputação, prestígio, autoridade e poder. Elites intelectuais e sociais, figuras públicas de proeminência e líderes de organizações poderosas, provavelmente, serão figuras-chave na formação do sentido de posição de grupo e na caracterização do grupo subordinado. É apropriado destacar isso tendo em vista a não rara tendência entre estudantes de considerar que o preconceito de raça cresce a partir da multiplicidade de experiências e atitudes da massa da população.

Quarto, precisamos, também, perceber a oportunidade apreciável oferecida a fortes grupos de interesse para direcionar as linhas de discussão e estabelecer as interpretações que emergem dessa discussão. Seus interesses particulares podem ditar o tipo de posição que eles desejam que o grupo dominante desfrute. Pode ser uma posição que lhes permita reter certas vantagens ou, então, ganhar vantagens ainda maiores. Por isso, eles podem, vigorosamente, buscar forjar eventos para atrair a atenção pública e pautar assuntos de forma a predeterminar interpretações favoráveis aos seus interesses. A atuação de grupos fortemente organizados perseguindo seus interesses particulares é geralmente central na formação de imagens coletivas de grupos abstratos. Registros históricos de situações de relações raciais de grande importância, como no nosso Sul, na África do Sul ou na Europa, no caso dos judeus, ou na costa oeste, no caso dos japoneses, mostram a formidável atuação de grupos de interesse na definição do grupo racial subordinado.

Concluo este condensadíssimo artigo com mais duas observações que podem esclarecer um pouco mais a relação do sentido de posição de grupo com o preconceito de raça.

O preconceito de raça se entrincheira e torna-se tenaz na medida em que a ordem social prevalecente está enraizada no sentido de posição de grupo. Isso foi verdadeiro no caso do Sul histórico em nosso país. Em uma tal ordem social, o preconceito de raça tende a se tornar crônico e impermeável à mudança. Em outros lugares, a ordem social pode ser afetada apenas em uma medida limitada pelo sentido de posição de grupo do grupo racial dominante. Penso que isso foi geralmente verdadeiro no caso do antissemitismo na Europa e neste país. Sob essas condições, o sentido de posição de grupo tende a ser mais fraco e mais vulnerável. Por sua vez, o preconceito de raça tem uma trajetória muito mais variável e intermitente, tornando-se, geralmente, pronunciado apenas como consequência de graves eventos desorganizadores que permitem a formação de um bode expiatório.

Isso me leva à última observação, que em certa medida é um resumo indireto. O sentido de posição de grupo se dissolve, e o preconceito de raça diminui quando o processo de definição em curso não se mantém alinhado com as principais mudanças na ordem social. Quando os eventos concernentes às relações entre os grupos não são tratados como “grandes eventos” e, por isso, não colocam assuntos cruciais na arena de discussão pública; ou quando os líderes ou porta-vozes da elite não definem esses grandes eventos de forma veemente ou conflitiva; ou quando eles a definem na direção da harmonia racial; ou ainda quando há alguns fortes grupos de interesse buscando construir uma imagem fortemente contrária às vantagens especiais, sob tais condições, o sentido de posição de grupo recua, e o preconceito de raça diminui.

A implicação clara da minha discussão é que o âmbito em que o preconceito de raça deve ser estudado de forma apropriada e fértil é o processo coletivo por meio do qual se forma um sentido de posição de grupo. Ao contrário, procurar entendê-lo ou lidar com ele na arena do sentimento individual e da experiência individual me parece claramente equivocado.

Recebido para publicação em 27/04/13. Aceito para publicação em 05/05/13.